



O NORTE do DISTRITO



QUINZENÁRIO de FIGUEIRO DOS VINHOS

Avença
Proprietário: **Dr. Ernesto Lacerda**

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria
Director: **Dr. Joaquim Alves Tomás Mergado**

25 de Agosto de 1968
Chefe da Redacção: **Prof. A. Paula Santos**

ANO XVI — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRO DOS VINHOS — TELEFONE 7 — N.º 376

Criem o que falta

Portugal, que é, sem dúvida, o País das claridades e das temperaturas amenas, devotou-se, e muito bem, ao turismo. Nenhum País, como o nosso, tem o condão de agradar naturalmente. Poderão outros, é certo, estar mais avançados na exploração dos meios de diversão e até nos aspectos urbanísticos nos centros de grande turismo, digamo-lo num parentesis, porque a par dos grandes hotéis de luxo, das boites e dos cabarets, aglomeram, entre os frequentadores, os grandes nomes da finança, da política ou do Gotha. No mais, quanto deles, por natureza nada valem.

A verdade, porém, é que nenhum se pode comparar a Portugal na extensão e claridade das praias, na suavidade do clima — que nós criticamos porque é o nosso e porque, na maior parte das vezes, não conhecemos o dos outros Países na mesma época —, na limpeza e no conforto dos nossos estabelecimentos hoteleiros, sejam de que categoria forem, na acessibilidade dos preços que, diga-se o que se disser, e a maior parte das vezes fala-se sem verdadeiro conhecimento de causa, é, com efeito, uma realidade.

É evidente que nos não podemos considerar perfeitos em tudo.

Temos muitas coisas que precisam de reforma e o pior é que, para serem reformadas, necessitam de que, antes, a educação cívica do nosso povo seja um facto.

A pedinçice, a exploração das deformações físicas, os espectáculos públicos de baixo nível — como saltimbancos e circos ambulantes — o negócio de feira disfarçado de artesanato, que enxameiam as nossas praias, sobretudo, são pechas que nos colocam mal e minimizam aos olhos de milhares de estrangeiros que nos visitam.

Outros aspectos deficientes poderiam ser focados, no intuito de para eles chamar a atenção dos responsáveis.

Falaremos de um: o da falta de diversões que, em regra é um mal dos nossos centros turísticos.

Se tirarmos o Estoril, a Figueira, Espinho e Póvoa de Varzim, que mais nos fica ao longo da costa — o grande manancial do turismo português? Temos, no Algarve, umas tantas "boites" que não são tudo... mesmo nessa zona privilegiada...

Ora não é forçoso ser zona de joão para haver diversões. O que é preciso é haver diversões para ser zona de turismo. Disso é que não há dúvida!

No entanto, as nossas praias, as nossas estâncias, à noite pouco mais são do que pasmeira. Além do cinema, quando o tem em condições de ser frequentado e com programas em condições de serem vistos, nada mais existe.

A vida diurna é intensa e agradável. Mas à noite tudo morre!...

A solução deste problema tem de caber, forçosamente, às entidades locais: câmaras ou comissões de turismo e, para isso, é necessário que aventurem capitais próprios ou entusiasmo o capital privado.

Antes, porém, é preciso convencerem-se de que a medida é necessária e de que, com a sua efectivação, aumentarão os seus rendimentos e provocarão a procura maior, cada vez maior, da sua zona de turismo.

As claridades e as temperaturas amenas, foi deus quem as deu.

As facilidades, as comunicações, os arranjos urbanísticos, as possibilidades de desenvolvimento, directamente ou por participação, foi o Estado, através dos órgãos superiores do Turismo Nacional, que os criou.

Pois criem, também, as câmaras, as juntas ou as comissões de turismo alguma coisa. Criem o que falta e se por si só não puderem peça auxílio que, se for justo e necessário não lhes será negado.

FÉLIX DE PAIVA

Semana do Ultramar

Quando o Sr. Dr. Vassanta Porobo Tambá, meritíssimo Juiz de Direito na nossa Comarca, proferiu no Salão Nobre dos Paços do Concelho a sua memorável conferência subordinada ao título «Cultura Portuguesa no Oriente», logo a Câmara Municipal entendeu não ser justo deixar tão precioso trabalho, circunscrito ao conhecimento da numerosa e selecta assistência que encheu o Salão.

Como resultado de deliberação então tomada, está agora a ser distribuída em opúsculo de cuidada apresentação gráfica. Trata-se de uma digna contribuição do autor e da Câmara Municipal para o êxito das comemorações da Semana do Ultramar.

José dos Santos Matos de Carvalho

De passagem para Campelinho esteve nesta vila onde tivemos o prazer de o cumprimentar o Sr. José dos Santos Matos de Carvalho, distinto funcionário superior do Ministério das Finanças e nosso apreciado colaborador.

V CENTENÁRIO DE CABRAL

Em esplêndida edição da Comissão Executiva das Comemorações do V centenário de Pedro Álvares Cabral, recebemos um interessante livro dedicado ao grande Navegador.

É seu autor J. Estêvão Pinto e tem a colaboração de Maria Alice Reis.

Os nossos agradecimentos.

Viagem de Tratamento

Em viagem para tratamento de águas medicinais deslocou-se à Metrópole a Sr.ª D. Maria Emília Abreu Mendes Pimenta esposa do nosso prezado assinante em Nova Lisboa—Angola Sr. Juvenal Quaresma Mendes Pimenta.

Jerónimo da Conceição Jorge

Acompahado de sua Ex.ma Família esteve em Figueiró a passar alguns dias das suas férias o Sr. Jerónimo da Conceição Jorge nosso amigo e assinante, estabelecido em Lisboa, que teve a amabilidade de nos apresentar cumprimentos.

Gratos pela deferência.

Visado pela Comissão de Censura

Electrificação DE AREGA

Domingo, dia 11 de Agosto de 1968, ficará para sempre gravada a letras de ouro na História de Arega, vila de nobres tradições mantidas através dos tempos desde o século XIII em que lhe foi concedido o seu foral até aos nossos dias, passando pela sua época aurea em que das suas Fábricas da Foz de Alge saíram toda a ferragem e prearia para construção das Naus de Portugal.

É que este ano, integrada na festa anual em honra de Nossa Senhora da Conceição procedeu-se também à inauguração da rede eléctrica da Sede e de algumas povoações circunvizinhas, incluídas nesta primeira fase.

Pelas 20 horas daquele dia as autoridades presentes acompanhadas da Filarmónica de Pombal e muito povo dirigiram-se à cabine transformadora onde uma gentil menina fez entrega da tesoura da praxe ao vereador Senhor Adelino Joaquim Coelho, que por sua vez a entregou ao Presidente da Junta da Freguesia, Senhor Adelino da Silva Simões.

Depois deste ter procedido ao corte da fita simbólica, o Reverendo Padre José Braz Escaroupa desempenhou-se do solene acto da Benção da cabine.

Usou da palavra em primeiro

lugar o vereador Sr. Fernando Simões Pires que depois de justificar a ausência naquela cerimónia do Senhor Doutor Henrique Lacerda, Presidente da Câmara Municipal, principal e incansável obreiro do importante melhoramento que se estava a inaugurar, declarou:

A vereação da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos aqui presente, é a primeira a lamar e nã a r profundamente a ausência neste acto do seu ilustre Presidente.

Mais adiante disse:

... que me seja permitido fazer algumas muito breves considerações alusivas a este acto que se reveste de grande importância económica e extraordinária

A PÁGINA ↓

David Soares Antunes

Teve a gentileza de nos apresentar cumprimentos na nossa Redacção o nosso prezado amigo e assinante Sr. David Soares Antunes, digno tesoureiro da Fazenda Pública em Cidade da Horta Vinha acompanhado de sua Ex.ma Esposa Sr.ª D. Isabel Pardal Antunes e do seu irmão Sr. Ramiro da Conceição Antunes.

Agradecidos pela visita.

ANTOLOGIA DE POETAS

Mãos de Mulher

Mãos de mulher! Oh! doces mãos piedosas
Semeando o bem a todos os instantes;
Mãos de mães, de irmãs ou mãos de amantes
Erguendo-se em preces silenciosas.

Mãos que têm perfume a nardo e rosas!
Se são de amor seus gestos perturbantes,
Tecem rendas, brocados rutilantes,
Refúgio amigo em horas dolorosas.

Mãos que embalam o filho no regaço.
Trazendo o mundo em jeito de um abraço...
Tão leves, tão macias elas são...

Mãos velhinhas, de dedos já sem vida,
Resignadas esperam a partida
Desfiando o rosário em oração.

1946

Maria de Lourdes Lima

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLINICA GERAL

Telefone 98 FIQUEIRO DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.^{as}, 4.^{as} e sábados das 9 às 12 horas e 5.^{as} e sábados das 15 às 18 horas.

Telefone FIQUEIRO DOS VINHOS

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS—CLÍNICA GERAL

TELEFONE 34 FIQUEIRO DOS VINHOS

CASA GASPAR	ANTIGA CASA GODET
	Rua Dr. António José Almeida TELEF. 16 FIGUEIRO DOS VINHOS

MALHAS
RETROSARIA
MODAS
NOVIDADES

A única casa especializada em artigos para estofos e decorações

**Boa
Oportunidade**

Vende-se nesta vila, num dos melhores locais, um prédio para seis moradores. Construção nova e bons logradouros.

Elias Tavares Cravo
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.º e 3.º sábado de cada mês, às 9^h 30^m.

SEGUROS

Automóvel, Responsabilidade Civil, Fogo, Acidentes de Trabalho Agrícolas e todos os ramos autorizados por lei.

Irolinda Nunes Curado—
Telefone 34—Figueiró dos Vinhos.

**Agência Central
de Contabilidade**
em
Figueiró dos Vinhos

A cargo de
António da Conceição Campos

Equipada com Técnicos de Contas inscritos na D.G.C.I. e sistema mecanizado.

Executa toda a escrita comercial ou industrial.

Máquina de costura Singer

Cose e borda. Vende-se por 2200\$00 como nova, com garantia por 10 anos. Também vende outras marcas à escolha do cliente.

Irolinda Nunes Curado—
Figueiró dos Vinhos.

CELESTE
CABELEIREIRA

RUA DA Figueiró
CADEIA dos Vinhos

**Engenho
de tirar água**

completamente novo.

VENDE-SE

Nesta Redacção se informa.

Encomende à Tipografia deste jornal os impressos de que necessite.
Ficará bem servido.

Leia e divulgue este JORNAL

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA
INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR—CAFÉ—RESTAURANTE—BILHARES

✱

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

✱

FIGUEIRO DOS VINHOS
Telefone PBX—50

O MELHOR PÃO-DE-LO
É O DA

CONFITARIA Santa Luzia

A. C. Campos

TEL-FON 192
FIGUEIRO DOS VINHOS

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE
Soç. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS & AGENTE DAS TINTAS MARLUX

Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da
FIGUEIRO DOS VINHOS

**Stand de automóveis
e Camions**

EM
Figueiró dos Vinhos
DE
Barreiros (Irmãos), L.^{da}

●

Vendedores autorizados dos carros VOLKSWAGEN e camions BARREIROS e DODGE

Automóveis usados de todas as marcas com garantia

Oficina de reparações em automóveis

Compra, venda e troca de automóveis

Carros de aluguer

Telefone 184 Apartado 12

Sementes
importadas directamente
da **HOLANDA**

Cenoura de Nantes
Nabo Bola de Neve
Nabo de 60 dias

Casa das Sementes
Praça da República, 7—TOMAR

As Casas do Povo e a valorização rural

Por Rogério Reis

Várias vezes nos temos aqui ocupado do alto significado moral e social das Casas do Povo, não como quem pela função de fe de uma instituição válida mas como estudioso dos problemas regionais que vê no espírito e na acção de tão úteis organismos o caminho certo do progresso rural.

A inexorável rigidez dos regulamentos estabelece diversos requisitos para a criação de qualquer Casa do Povo. Embora seja legítimo acautelá-la a sua vida — é talvez fácil fundá-las mas muito difícil mantê-las — é óbvio que a esmagadora maioria das localidades não pode garantir «receitas normais suficientes para satisfazer os encargos financeiros resultantes da realização dos seus fins específicos». No actual panorama rural as Casas do Povo têm de aparecer como meio de elevar a pessoa humana que não como entidade corporativa deficientemente sustentada pela debilidade económica dos seus associados. Não haveria aliás certo paradoxo que rondaria pela injustiça.

O elevado caudal emigratório, exemplificado com o do ano de 1966 (1 202 39 pessoas, mais 107 87 para o ultramar, sem termos em conta as migrações internas que conduzem ao crescimento explosivo de Lisboa) documenta à saciedade a pobreza da província, agravada pela circunstância de, desde 1945, terem oficialmente emigrado 172 861 indivíduos do sector agrícola. Isto é: saiu da lavoura mais gente do que a população masculina da cidade do Porto em 1960.

Por outro lado, o censo daquele ano indicava-nos que existiam 26 004 aglomerados com menos de cem habitantes, somado uma população residente de 1 116 700 criaturas, e 39 535 lugares com menos de mil moradores, perfazendo 5 137 900 almas, conjunto que nos dava 57,9% no âmbito nacional. Será ocioso acrescentarmos o quadro das aflictivas condições habitacionais.

Preceituar «insofismáveis» garantidas para a constituição de novas Casas do Povo, onde elas sejam agudamente necessárias, é como que exigir saúde a corpos socialmente doentes!

É evidente que a ausência de uma Casa do Povo ou o seu mau funcionamento cria um sentimento de dolorosa frustração rural. Daí que os concelhos transmontanos de Montalegre, Murça, Vila Pouca de Aguiar Vinhais, que no seu todo abrangem a área de 2076 km², onde residem 95 063 pessoas (em 95 freguesias), continuam a não dispor, infelizmente, de nenhuma Casa do Povo.

Deixemos porém o que nos penaliza e façamos comentário da estatística referente a 1966 em relação às Casas do Povo. Não se veja, todavia, no realismo da crónica a velada condenação de um sistema mas antes modesta achega para se incentivar a protecção devida àqueles Organismos.

Os dados seguintes, transcritos do relatório governamental do III Plano de Fomento, dão-nos a ideia do movimento processado no domínio das Casas do Povo:

População activa com profissão	
1960	253 300
1963	258 200
1965	269 500

População activa total na agricultura, silvicultura e caça	
1960	1103 300

1963	981 100
1965	910 800
Sócios — milhares	
1960	247,4
1963	249,8
1965	257,4
Receitas:	
Total em milhares de contos	
1960	50,9
1963	75,5
1965	92,9
Por Sócio — contos	
1960	0,206
1963	0,302
1965	0,361
Despesas:	
Total em milhares de contos	
1960	42,4
1963	68,1
1965	86,8
Por sócio — contos	
1960	0,171
1963	0,273
1965	0,357

Pode também ler-se no mesmo documento: «Em 1960 o número de sócios das Casas do Povo representava 19% do total da população activa agrícola, tendo essa percentagem em 1965 subido para 22%» (. . .) «Em 1965, 47% do total das receitas provieram das quotizações e 18% dos rendimentos dos bens próprios.» Tal anomalia terá justificado que S. Ex.^o o Ministro das Corporações «por despacho ministerial de Novembro de 1962 estabeleça que o Fundo Nacional de ab no de Família participe com a verba anual de 15 000 contos de Federação das Casas do Povo, a aplicar benefícios dirigidos à defesa da família».

Em 1966 as 626 Casas do Povo em funcionamento tinham 245 241 sócios efectivos e 199 844 sócios contribuintes. Como receita, 102 036 contos e como despesa 96 494 contos. A emigração explica a baixa dos sócios efectivos, tendo contudo subido notavelmente o volume das receitas e das despesas.

Recordando uma grave deficiência (e até injustiça) lembremos que é moralmente e socialmente defeituosa a classificação dada a muitos pequenos proprietários e trabalhadores por conta própria que devem ser tidos como sócios efectivos e não como contribuintes em virtude da sua mais do que precária condição económica. O Estatuto das Casas do Povo define no artigo 8.^o, capítulo II, o sócio contribuinte, tomado talvez como base as actividades que não os rendimentos, pelo menos no seu aspecto actual. Há pois aí desvantagens que importa corrigir para se obter tanto maior equidade na classificação como mais ampla acção social, e, também, prestígio da organização corporativa.

Se é facto consolador sabermos que 486 Casas do Povo dispunham de biblioteca em 1966, interessava averiguar qual o seu movimento e como terão as bibliotecas concorrido para a promoção cultural.

O encargo com a múltipla acção educativa e recreativa elevou-se de 1227 contos em 1962 para 2651 em 1966. Porém, somente 26,6% das casas do Povo possuíram grupos desportivos, numa paisagem social (rural) que tem de tomar a educação física como uma das bases fundamentais da formação dos associados, especialmente da juventude.

Sabido como é que a missão da Casa do Povo se exerce no meio rural, em regra bastante pobre, é pena que só cinco daque-

les organismos dispusessem de cantinas em 1966 e dois de cooperativas de consumo. Por essas vias se pôde e deve oferecer o contributo capaz de melhorar a alimentação dos associados, até se manifesta desoladoramente baixa a captação qualitativa da nossa balança alimentar nos meios rurais.

No capítulo da saúde pôde em 1966 ser desenvolvida acção meritória, dentro do seu condicionalismo. Prestaram serviço 772 médicos, 126 enfermeiros e 404 outros elementos, além do pessoal administrativo e auxiliar. Mais de um milhão de consultas, meio milhão de tratamentos, cinco mil internamentos e 28 832 auxiliares de diagnóstico marcaram então a actividade sanitária das Casas do Povo.

O montante de subsídios diversos (por doença, morte, funeral, invalidez, casamento, nascimento etc.) subiu de 13 993 contos em 1962 para 45 446 contos em 1966 o que representa sério esforço financeiro, a que deverá juntar-se a despesa de 23 800 contos na retribuição de serviços clínicos e de enfermagem, aquisição de material, medicamentos e outras.

Devemos também frizar que as Casas do Povo tiveram igualmente avultadas despesas de capital, delas sobressaindo 6671 contos gastos em novas construções.

Dos numerosos citados podemos concluir que prevalece generosa a intenção da política social rural vigente, fomentada por um Estado que se multiplica em acudir também à aceleração do desenvolvimento industrial e no ultramar à manutenção da nossa legítima soberania.

Se a ajuda da iniciativa privada à rápida resolução dos problemas sociais regionais fosse por toda a parte mais concreta e mais dinâmica, positivamente seria diferente e melhor a vida rural. Mas, ao proclamar-se a adesão à doutrina corporativa, abundam os que endossam ao Governo o duro encargo de resolver, só ele, as questões sociais que a todos dizem respeito. De resto, não falta quem pense que basta marcar presença em ocasiões solenes e cumprimentar entidades representativas (alguem disse que «politicamente o que parece é») para reabrir uma espécie de comunhão de desobriga que na prática se contradiz.

Na verdade, sem irmos todos os que de algum modo podem — verdadeiros proprietários, sacerdotes, professores, diplomados intelectuais — ao encontro das permentes realidades e das aspirações da gente rural, como conter o seu êxodo e a sua insatisfação? Como elevar-lhe o nível mental, cívico, económico e familiar? Como aperfeiçoar as Casas do Povo? Como alargar a sua rede e o seu labor?

Para lá do esquema mínimo preceituado desde 1962, há uma tarefa alicianante a empreender, como os cursos da formação familiar rural feminina (cerca de sessenta levados a cabo no distrito de Vila Real) no-lo demonstram o a política habitacional desenvolvida sobre a égide da Lei n.^o 2092 nos ipatenteia.

A valorização rural não se faz apenas com princípios salutarres, assim como o Evangelho não se prega eficazmente a estômago vazios. Exige acção, perseverança, elementos idóneos e recursos

Joaquina Ferreira Dias

Em 25 do mês de Julho faleceu na sua Casa da Ribeira de S. Pedro desta Freguesia a Sr.^a D. Joaquina Ferreira Dias de 89 anos de idade.

A saudosa extinta era viúva do Sr. Manuel Dias; mãe do Sr. António Ferreira Dias, casado com a Sr.^a D. Maria Joana Cordeiro Dias, residente em Vila Boim; do Sr. Joaquim Ferreira Dias, casado com a Sr.^a D. Maria Ilda Godinho Dias residentes em Nicho—Torres Novas; do Sr. Manuel Ferreira Dias casado com a Sr.^a D. Madalena de Almeida da Silva Dias, residente em Venda Nova—Amadora; da Sr.^a D. Rosária Ferreira Dias, solteira; da Sr.^a D. Belmira Ferreira Dias casada com o Sr. Manuel Rosa Arinto; e da Sr.^a D. Deolinda Ferreira Dias, solteira.

No dia seguinte realizou-se o funeral para o cemitério local, com muita concorrência.

A toda a família de luto apresentamos as nossas sentidas condolências.

Manuel Mendes de Oliveira

Depois de prolongados sofrimentos, faleceu no Caramulo o Sr. Manuel Mendes de Oliveira com 37 anos de idade, natural de Figueiró e que durante anos aqui exerceu a profissão de motorista.

O inditoso moço que a morte tão cedo arrebatou era irmão da Sr.^a D. Izete Mendes de Oliveira Vieira e do Sr. António Mendes de Oliveira, José de Oliveira Medeiros, Alfredo Mendes de Oliveira e João Evangelista Mendes de Oliveira.

A toda a família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

José Costa

Numa Casa de saúde da Beira-Moçambique faleceu em Junho último o Sr. José Costa natural de Douro, freguesia de Figueiró:

Foi dos primeiros profissionais do volante na nossa vila, onde era considerado muito competente.

Deixa viúva a Sr.^a D. Hermínia da Silva Costa e alguns filhos.

A todos a sincera expressão de nosso pesar.

ANGOLA

DA PÁGINA 4

Por que não admitir que outras grandes riquezas aguardam a nossa iniciativa? Temos que nos convencer de que, com Angola e Moçambique, Guiné, Cabo Verde e São Tomé, Portugal pode ser uma grande potência. Daqui a cem anos, se quisermos, ombrearemos em capacidade produtiva com os Estados Unidos, a Rússia, o Brasil, a China, que devem ser, então, colossos ainda mais distanciados do resto do mundo. Cabora-Bassa, por exemplo, dá a medida da nossa capacidade. A maior barragem, a maior fonte de energia eléctrica da África será Portuguesa.

Muitas outras coisas mais o podem ser.

abundantes. Não olvidemos que estamos, decisivamente, numa autêntica hora de resgate e de ressurgimento — por patriotismo e por dever cristão.

Do Mensário das Casas do Povo



Tribunal Judicial da Comarca de Ponte de Sor

(2.^a publicação)

Por este meio, fica citado JOAQUIM DE SOUSA MARTINHO, casado (com Silvina de Jesus Martinho) com última residência conhecida no lugar e freguesia de Campelo, concelho e comarca de Figueiró dos Vinhos, actualmente ausente no Brasil, em parte incerta, para, no prazo de oito dias após a dilação de trinta dias a contar da segunda publicação deste anúncio, contestar a acção de Processo sumário que, no Tribunal Judicial da comarca da Ponte de Sor, lhe move Joaquim Alves, casado, contabilista, residente em Ponte de Sor, sob pena de ser condenado imediatamente no pedido, que é, em substância, a condenação do citando e sua mulher a pagar ao referido Joaquim de Sousa Martinho para confessar ou negar a firma aposta na referida letra, junta a fls. 4 dos autos da aludida acção de processo sumário, com a advertência de que se entenderá que a confessa se, na contestação, não fizer declaração alguma.

Ponte de Sor, 25 de Julho de 1968.

O Juiz do Direito,

José Miranda Gusmão de Medeiros

O Escrivão de Direito

Alberto das Neves Rodrigues Sêco

Jornal «O Norte do Distrito» número 376 de 25 de Agosto de 1968.

Alugam-se

Café com suas dependências e uma moradia no sotão do lado esquerdo, na Rua Major Neute de Abreu, próximo da (Shell) um dos melhores locais desta vila.

Quem pretender dirija-se ao proprietário.

JOAQUIM DA SILVA

SALAO ROSA

Continua à disposição das suas Ex.^{mas} clientes.

FILOMENA ROSA

TELEFONE 172

FIGUEIRO DOS VINHOS

Vendem-se

Banheira de ferro fundido esmaltada com boa dimensão; e um óptimo lavatório.

Quem pretender deve dirigir-se à Rua Major Neute de Abreu, perto da Estação de Serviço Shell nesta vila a Joaquim da Silva.

SEGUROS

Efectuam-se de Fuzis e em todos os ramos.

JOAQUIM DE MATOS PINTO Figueiró dos Vinhos

Assine este JORNAL

VILA FACAIÁ

Estrada do Mosteiro

A risonha e rica Povoação do Mosteiro, sita à beira da milenária Ribeira de Pera, cujo volumoso caudal, se desdobra numa vala de água, funcionando em regimen de correição, que vai regar a fértil várzea extensa e altamente produtiva, que se estende, a perder de vista, junto à Ribeira, revestida do manto verde dos seus milharais, em que se prendem os nossos olhos, sedentos de imagens vivas —, é inegavelmente um dos sítios que mais atractivos possui e que uma vez admirados jamais esquecem.

E se do Alto da Isca, do monte que domina, pelo poente a referida povoação, nos quedarmos, com olhos de ver, francamente, fica seduzido pelo panorama deslumbrante que se descortina na nossa frente, embebecido, com a aldeia secular, que jaz dinâmica e acomodada naquelze recanto de incomparável beleza.

Os seus habitantes que até aqui se dedicavam quase exclusivamente à cultura das suas leiras e à extracção da resina, nestes últimos anos, vêm-se dedicando à angariação de fotografias e outros mutes, aliás, com assinalado êxito.

E' pois um povo trabalhador, que trabalha e sabe trabalhar, aproveitando da Natureza tudo o que pode concorrer para o seu engraudecimento e bem estar.

Não hesito em afirmar que o Mosteiro é uma povoação que se não deixa adormecer com o susurro das águas da Ribeira, ora dolentes, ora agressivas, consoante as Estações, antes pelo contrário, são aquelas que vitalizam e lhe insuflam o gosto de viver, numa colaboração constante, adentro do seu limitado ambiente, concorrendo assim, com a sua actuação para o progresso da sua terra e do concelho.

Por isso bem merece ser acarinhada e acompanhada nos seus justificados anseios.

A Estrada, cujo projecto foi mandado organizar pela Junta de Freguesia, de colaboração com os habitantes mais interessados, há cerca de 25 anos, era e ainda é um problema, mas prestes a ser resolvido, para aquela povoação e até para o concelho; pois estabelecida a ansiada ligação, com a continuação da ponte, fica «ipso facto» servido com um circuito rodoviário, de larga projecção — Pedrógão Grande, Troviscais, Mosteiro, Campelos, Vale da Nogueira, Casal de Além, Vila Facaia, Nodeirinho, Figueira, Pinheiro, Graça, Pedrógão —, que ficará a marcar uma nova Era de Progresso para aquela Terra e Concelho. Quem o pode duvidar?

Até que enfim foi adjudicada a última fase da Estrada, ou seja a construção da Ponte e respectivos acessos por 326 contos, empreitada esta que foi entregue ao Sr. Joaquim Fernandes, da M6 Pequena, que, como sempre, se esforçará por bem executar o projecto, com a devida solicitude. O Mosteiro vive momentos de justificada euforia por ver assim atendida uma das suas mais caras aspirações.

E nós que acompanhamos, desde o principio todos os trâmites para a obtenção deste melhoramento, muito nos apraz aqui deixarmos exarado o nosso profundo regosijo por tal motivo.

Pelo facto, pois, de no dia 16

do corrente, o Sr. Joaquim Fernandes ter dado início às fundações, para a construção da Ponte, organizou-se uma Comissão naquela localidade que promoveu a oferta duma abundante merenda que decorreu sempre num ambiente de contagiante e sã alegria.

Entre os convidados contavam-se, de Pedrógão Grande, os Senhores, Padre Ferreira, digno Presidente da Câmara; Dr. Baeta Rebelo, Presidente da União Nacional; Eduardo Pina Tavares, Chefe da Secretaria da Câmara; A'lvoro Baeta Rebelo, Aspirante da Câmara; os Senhores Vereadores Manuel Diniz, da Salaborda Nova e Manuel Dias David de Oliveira, de Pedrógão Grande; de Vila Facaia António Lopes da Costa, Presidente da Junta de Freguesia e Afonso Lopes da Costa, da União Nacional; da Graça, António Dias David de Oliveira; da Salaborda Velha, Armando Mendes Diniz; da M6 Pequena, os Senhores, Joaquim Fernandes e seu fitho Mário Coelho Fernandes, Agente Técnico de Engenharia; e de Lisboa, Albano Mendes Gouveia, construtor civil.

Queremos aqui destacar e agradecer a gentileza das Senhoras D. D. Maximina Leitão Nunes, Arminda Henriques e Belmira Marques, que foram incansáveis, no decurso da merenda, por bem servirem os convidados.

Também queremos agradecer aos Senhores, José Luís e João Caetano, o esforço que dispenderam para que nada faltasse na mesa, o que nos sensibilizou.

No final do repasto falou o Presidente da Junta de Freguesia de Vila Facaia, que depois de agradecer a presença da Ex.ma Câmara e demais autoridades, entre as quais o Comandante da G. N. Republicana, salientou, em síntese, as contrariedades e os escolhos, que foi preciso remover para levar a efeito a obra em referência.

Também o Sr. Afonso Lopes da Costa, brindou pelas prosperidades dos mosteirenses que são bem dignos de serem acarinhados e auxiliados na consecução das suas aspirações. E quanto à Ponte que vai ser construída frisou a necessidade absoluta da sua construção em face do estado ruinoso e perigoso da que presentemente se vêm servindo.

Calçadas e electrificação

O povo do Mosteiro aguarda esperanças que a Ex.ma Câmara promova a construção, das Calçadas nos arruamentos principais, afim de melhorar o trânsito, dentro da povoação, que presentemente está un caos.

Também pretende a sua electrificação que hoje já não constitui um luxo, antes uma necessidade utilitária, tendente a elevar o nível de vida social.

E' pois, com satisfação justificada, que nós fazemos eco destas comezinhas aspirações e oxalá que se tornem realidade o mais breve possível.

Visitas

Cumprimentámos o nosso amigo Senhor Abel Pascoal, funcionário superior da Comp.^a Colonial de Navegação, que com sua Ex.ma Família, veio passar o «fim de semana» à Salaborda Velha.

CASAMENTO

Realizou-se em Lisboa, no passado dia 10 do corrente, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, o enlace matrimonial de D. Maria Alice dos Santos Ladeira, prendada filha de D. Arminda da Conceição Santos Ladeira e de José Dias Ladeira, nossos prezados conterrâneos da freguesia de Campelo, com o tenente Sr. Fernando José Simões Beira Mota filho de D. Beiana Simões Beira e de José Simões de Oliveira Mota, naturais de Coimbra e residentes em Luso, Angola.

Foram padrinhos por parte da noiva D. Constança da Encarnação Jorge Simões Cascas e seu esposo Sr. Armindo Simões Cascas e por part: do noivo D. Laurinda Simões Ferreira e seu esposo Sr. António Ferreira.

Assistiram a cerimónia numerosos convidados, entre os quais o Dr. Roberto Antas de Oliveira Pinto, director da cadeia Penitenciária de Lisboa, os médicos Drs. João Figueirinhas e Fonseca Monteiro; Manuel António dos Santos, director de finanças representante do Ministério Público junto do Tribunal de 1.^a Instância das Contribuições e Impostos, tio da noiva; e diversos officiais do exercito camaradas do noivo com suas esposas.

Finda a cerimónia religiosa foi servido numa pastelaria da cidade um opíparo bebereite durante o qual foram pronunciados afectuosos brindes.

Os noivos, a quem apeteceamos as maiores venturas, seguiram em viagem de núpcias para o sul.

Ao serviço da Pátria

Depois de sua missão militar cumprida em Angola, regressou a esta vila o Sr. Luís Ferreira Trancoso, brioso miliciano e funcionário dos C. T. T. Desejamos lhe feliz regresso à vida profissional.

Pela Redacção

Manuel da Silva Graça

Esteve nesta casa o Sr. Manuel da Silva Graça de Douro, desta freguesia, funcionário da Câmara da Beira, a regularizar a assinatura de sua irmã Sr. D. Hermínia da Silva Costa residente em Quelimane.

Delmar Domingos de Carvalho

Deu-nos o prazer de sua visita o Sr. Delmar Domingos de Carvalho, distinto Tesoureiro de Finanças em Vila Nova de Ourem. Os nossos agradecimentos.

João Quaresma Godinho

Agradecemos a visita deste nosso prezado conterrâneo e assinante na Praia da Granja.

António Simões Pereira

De passagem por esta vila deu-nos o prazer da sua visita este nosso prezado assinante em Venda Nova— Amadora.

José da Silva Pimenta

Aproveitando as suas férias no Val do Rio visitou a nossa Redacção este nosso amigo e assinante, que actualmente trabalha em França.

Leonel de Jesus Simões

Aproveitando a oportunidade para regularizar a sua assinatura visitou-nos este nosso prezado assinante em Lisboa.

ANGOLA

Terceiro produtor mundial de ferro

A notícia veio há dias nos jornais. Dizia respeito à apreciação de uma revista estrangeira à capacidade de extracção de minério de ferro em Angola. Notícia de poucas linhas. Portanto, fácil de passar despercebida no meio da avalanche de notícias sem importância que os jornais publicam todos os dias. Além do mais, os diários portugueses não deram a essa notícia o relevo que dão, por exemplo, à eleição de qualquer «misse». Às vezes toda a largura da primeira página.

Ora essa notícia dizia, nada mais, nada menos, que Angola figurava em terceiro lugar como produtor de minério de ferro, apenas suplantada pela União Soviética e pelos Estados Unidos.

Alguma vez algum português pensou que isto viesse a ser possível? Cremos que não. Nem mesmo os mais optimistas.

Todos sabemos, com efeito, desde há muito, que as nossas províncias ultramarinas são gigantescos reservatórios de riquezas. Mas quando pensamos nessas riquezas inexploradas, regra geral, vêm nos à ideia os campos sem fim por cultivar, à espera de braços que os fecundem com sementes disto ou daquilo. A riqueza do subsolo escapa à nossa imaginação. Talvez porque não temos ainda o hábito de explorar o que há debaixo do chão como explorámos o que havia para além dos mares.

Um promenor há, entretanto,

que constituindo um título valioso ao mesmo tempo nos desgosta, nessa notícia. Refere-se ela ao facto de Angola vir a ser o primeiro exportador do referido minério de ferro, em virtude de os dois maiores produtores, a Rússia e os Estados Unidos, como já dissemos, absorverem totalmente as suas próprias produções. Portugal torna-se, assim, através do minério de Angola, o maior fornecedor do Japão, da Alemanha Federal e da Inglaterra. Isto, claro está, porque não temos capacidade para absorver a nossa própria produção. O que é pena.

Mas lá iremos. Se nunca sonhámos ser o terceiro produtor mundial de ferro e o somos, tudo é legítimo aguardar. No tempo da energia nuclear, não nos repugna admitir que Angola venha a ser, igualmente, o maior reservatório do combustível atómico do mundo. Os seus jazigos petrolíferos prometem produções verdadeiramente ao nível internacional.

— A PAGINA 3

Por AVELAR

As festas em honra de Nossa Senhora da Guia que se vão realizar nos próximos dias 31 de Agosto, 1 e 2 de Setembro, além das suas tradicionais solenidades religiosas sempre mantidas com elevação, vão este ano marcar mais uma vez posição de relevo no aspecto das diverções populares a que as Comissões já habituaram os numerosos forasteiros.

Electrificação de Arega

— DA PAGINA 1

projecção social, numa altura em que se torna necessário dar condições da vida ao trabalhador, afim de evitar a tentação de uma emigração aparentemente rendosa mas quantas vezes contrária à dignidade humana e aos superiores interesses da Nação.

E prosseguindo afirmou:

Este ordeiro povo de Arega, esperou confiante dezenas de anos pela electrificação.

Eis que ela aí está florescente e operante.

Esperou mais de setenta anos por uma estrada decente que ligasse a freguesia à sede do concelho.

Ela chegou, bela e funcional. Ao falar da estrada não quero omitir um nome, cujo esquecimento seria uma injustiça.

Refiro-me ao Senhor Doutor Ernesto Lacerda, que como Deputado da Nação, não descansou enquanto não viu realizado este sonho da população de Arega.

O Governo da Nação a braços com uma guerra nas Províncias Ultramarinas—guerra que não deseja mas que manterá indefinidamente no tempo, até à vitória final—,nem por isso deixará de ter sempre em atenção as aspirações mais justas e as necessidades mais prementes das populações do continente.

A todos nós compete trabalhar para nos tornarmos dignos dos nossos irmãos que estão na primeira linha de defesa, velando pela integridade da Pátria.

E por fim:

Ao terminar as minhas palavras quero apenas desejar a necessária e indispensável saúde para que da melhor maneira e em ambiente de paz, possam usufruir os

magníficos benefícios que lhes vai proporcionar este melhoramento, que podemos considerar o mais valioso daqueles que a ciência concedeu ao homem no último século.

Em nome dos Areguenses falou o Senhor Jose Henriques Baião que também manifestou o desgosto dos seus conterrâneos pela falta de comparência do Senhor Doutor Henrique Lacerda.

Agradeceu à Câmara e ao Governo da Nação o grande empenhamento, dando vivas às entidades governativas da Nação do Distrito e do Concelho no que foi acompanhado pela numerosa assistência.

O Reverendo Padre Escarpoua que num elegante improviso impregnado de religiosidade fez o elogio da obra inaugurada, e fez também o agradecimento da sua freguesia ao Governo da Nação e à Câmara Municipal.

Foi depois oferecido um lauto copo de água aos convidados que se prolongou pela noite, até às primeiras horas da madrugada.

A Fanfarras dos Bombeiros que tinha tomado parte no cortejo de Anção, passou por Arega, cerca das 22 horas, colaborando assim com o seu excelente aspecto, aprumo e acordes no brilho alcançado pela grande festa.

Agradecimento

Pede nos a Comissão de Festas em honra de Nossa Senhora da Conceição para sermos porta-voz do seu reconhecimento e público agradecimento a todas as pessoas que contribuíram com a sua ajuda e com a sua presença para o excepcional brilho de que se revestiram as festas de 1968